



O protagonismo feminino na agricultura familiar: um relato a partir da experiência de incubação do grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade
The female protagonism in family agriculture: an account of the incubation experience of the group Organized Women Seeking Equality

MARTINS, Luiza Avelar¹; GUERRA, Ana Carolina²; TOLEDO, Dimitri Augusto da Cunha³; PEDREIRA, Paulo Vítor Reis⁴; ROSA, Kaio Lucas da Silva⁵.

¹ Universidade Federal de Alfenas, luizaamartins@yahoo.com.br; ² Universidade Federal de Alfenas, anacarolguerra@yahoo.com.br; ³ Universidade Federal de Alfenas, dimitritoledo@hotmail.com; ⁴ Universidade Federal de Alfenas, pvrp_92@hotmail.com; ⁵ Universidade Federal de Alfenas, kkaiorosa98@gmail.com.

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Em contrapartida ao contexto desigual de gênero constantemente reafirmado pelo fazer econômico dominante, diversos grupos de mulheres se destacam com novas propostas e práticas para que a realidade preestabelecida se modifique. O grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI) se insere nesta lógica, ao unir a agricultura familiar ao trabalho e à união das mulheres a partir de uma base agroecológica. A partir de um programa de extensão da Universidade Federal de Alfenas, a ITCP/UNIFAL-MG, foi possível estabelecer uma relação de encontros periódicos com o grupo MOBI, o que permitiu diversas vivências e percepções, apresentadas neste relato.

Palavras-Chave: Economia Solidária; Economia Feminista; Agroecologia.

Keywords: Solidarity Economy; Feminist Economy; Agroecology.

Contexto

A economia ocidental se impõe sobre as relações sociais contemporâneas de uma maneira excludente, uma vez que sustenta gritantes desigualdades de escolha e controle baseadas na condição sexual (COELHO, 2009). A esfera econômica se consolidou, no decorrer da história, sobre estruturas androcêntricas que hierarquizaram praticamente todos os âmbitos que perpassam as relações de gênero. Os tipos de trabalho determinados às mulheres, como o trabalho doméstico e o reprodutivo, são, assim, inferiorizados em uma lógica de mercado. O trabalho feminino no espaço rural é marcado por um processo de invisibilização ainda mais intenso, uma vez que a mulher do campo, além de protagonizar uma jornada dupla ou até mesmo tripla de funções, ainda possui seu trabalho subvalorizado à categoria de mera “ajuda” às incumbências ditas masculinas (PACHECO, 2004). Em contrapartida ao contexto de subordinação imposto, diversos coletivos e grupos de mulheres têm surgido nas últimas décadas, como forma de abrir espaço para diálogos conjuntos e para uma reestruturação coletiva da realidade desigual preestabelecida (SALES, 2007). Muitos desses grupos se inserem em um contexto de agricultura familiar agroecológica, o que favorece seu desenvolvimento, uma vez que a agroecologia possui como intuito, para além de transformar a realidade ambiental de determinada localidade, possibilitar um amadurecimento coletivo a partir dos elementos de resistência específicos de cada identidade local (GUZMÁN, 2001). Deste modo, a perspectiva agroecológica auxilia o



desenvolvimento de grupos historicamente excluídos, já que parte da resistência e união do coletivo para sua construção. O intuito deste trabalho é apresentar um destes grupos de mulheres, o MOBI (Mulheres Organizadas Buscando Independência), através de um relato a partir do acompanhamento do grupo pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/UNIFAL-MG.

Descrição da Experiência

A metodologia sobre a qual este trabalho se fundamenta é a observação participante, que consiste em um tipo de abordagem na qual o(a) investigador(a) se adapta à determinada situação, de maneira a fazer parte do grupo a ser observado e, a partir desta participação, obter um retrato natural e mais espontâneo acerca da realidade desse grupo (MÓNICO et al, 2017). Tal metodologia, no contexto deste trabalho, se mescla com a metodologia de incubação utilizada pela ITCP/UNIFAL-MG: a pesquisa ação participativa-prática. Esta pode ser caracterizada por associar pesquisadores a atores de determinado contexto social, no intuito de modificar uma realidade nos moldes da Educação Popular de Paulo Freire. O MOBI é um grupo atualmente constituído por catorze mulheres, dentre artesãs e produtoras de café, vinculadas à Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região – COOPFAM, uma cooperativa que é referência em agricultura orgânica, solidária e agroecológica em Minas Gerais. Mesmo em um espaço marcado pela cooperação e democracia na tomada de decisões, uma vez que a COOPFAM é uma cooperativa bem consolidada no cenário nacional, as mulheres perceberam que ainda se encontravam em um espaço permeado por relações desiguais de gênero. A fim de se fortalecerem, formaram o grupo MOBI, que deu origem ao café orgânico feminino, produzido somente por mulheres e um dos mais vendidos de todos os cafés produzidos pela cooperativa. Desde o início do ano de 2017 a ITCP/UNIFAL-MG passou a acompanhar o grupo, na intenção de fortalecer coletivamente as discussões de gênero. Nesse sentido são realizados encontros mensais, nos quais são tratados assuntos demandados pelas próprias mulheres. Os objetivos contemplados na proposta de incubação envolvem a busca pela sensibilização das agricultoras familiares a respeito dos princípios da Economia Solidária e a busca por atender demandas de capacitação em autogestão, associativismo, cooperativismo e a respeito das relações de gênero. Dentre todos os possíveis relatos que podem advir da experiência de incubação e da observação participante, talvez um dos mais importantes a ser exposto seja a veemência das mulheres em afirmar como o MOBI foi capaz de modificar suas vidas, sua relação com a própria família e seu casamento. É importante ressaltar que a COOPFAM se localiza na cidade de Poço Fundo, no Sul de Minas Gerais. A cidade tem como características marcantes a forte religiosidade e a manutenção de tradições familiares, além um forte protagonismo do meio rural no desenvolvimento local do município. Portanto, mesmo vivendo em um contexto rígido quando se trata das questões ligadas ao gênero, à família e ao papel da mulher no campo, a força proveniente da união das mulheres no intuito de modificarem sua realidade trouxe bons frutos. Os relatos apreendidos nas reuniões realizadas, envolvendo mais de uma das mulheres, puderam confirmar uma impressão que se



firmava desde o início do acompanhamento do grupo: a possibilidade de empoderamento através do coletivo. As mulheres, neste recorte da realidade vivenciada, relataram que desde a inserção no MOBI, entenderam que poderiam ter voz ativa em suas próprias vidas. Muitas delas afirmam que a existência do grupo abriu campo de visão para novos posicionamentos como mulheres. As relações com os maridos, dentro da cooperativa e como agricultoras familiares foram transformadas, e isso se reflete na forma como se posicionam e como tomam frente das atividades propostas pelo grupo.

Resultados

As percepções, contextos e experiências relatados demonstram que a união entre a Economia Solidária e a Economia Feminista é extremamente pertinente para a mudança da realidade hegemônica – patriarcal e capitalista. Um grupo de mulheres, unidas no contexto da Economia Solidária, da Agroecologia e da Agricultura Familiar, foi capaz de transformar a realidade individual de todas as suas integrantes, em diversos níveis. O MOBI se tornou um ponto de apoio, onde a solidariedade entre mulheres gera força e resistência. A partir do discurso dessas mulheres, é possível perceber que elas passaram a entender que podem e devem ser protagonistas das próprias vidas e de seu próprio trabalho, além de que também precisam lutar para conquistar e manter um espaço em que possuam voz ativa na sociedade e na cooperativa, fazendo valer suas percepções, indagações, propostas e vontades. Esse novo papel ocupado pelas mulheres na própria cooperativa se reflete na eleição de uma das mulheres, pertencentes ao MOBI, para a vice presidência da cooperativa. Tal fato nunca havia ocorrido antes da consolidação do grupo. Assim, pode-se afirmar que a reconstrução da mulher, inclusive da mulher do campo, como sujeito político, deve ser realizada contínua e cotidianamente, para mudanças efetivas no seio da sociedade, rumo à emancipação unida às questões relacionadas ao gênero. Além disso, a agricultura familiar de base agroecológica se apresenta como um caminho extremamente rico para que tal reconstrução aconteça, uma vez que a agroecologia busca transformar a realidade ambiental e social de determinado contexto, a partir dos saberes e entendimentos da coletividade envolvida.

Referências bibliográficas

COELHO, L. Economia Feminista. In: CATTANI, A. D. et al (coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. v. 2, n. 1, 2001.

MÓNICO, L. S. et al. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In: CONGRESSO IBERO AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 6., 2017, Salamanca. **Anais...** Disponível em:

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



<https://www.researchgate.net/publication/318702823_A_Observacao_Participante_enquanto_metodologia_de_investigacao_qualitativa>. Acesso em: 27 de fev. 2019.

PACHECO, M. E. L. Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. In: **Perspectivas de Gênero: debates e questões para as ONGs**. Recife: GT Gênero Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.

SALES, C. D. M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Estudos Feministas**. v. 15, n.2, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000200010/4264>>. Acesso em: 26 de fev. 2019.